

SALOMÃO ALVES DE MOURA BRASIL E A CONSTRUÇÃO DO “PAPA DA EDUCAÇÃO DO MACIÇO DE BATURITÉ”. ARACOIABA - CEARÁ (1990 – 2012).

GT 10 - História, Memória e Biografia.
Rycardo Wylles Pinheiro Nogueira
Escola de Ensino Médio Almir Pinto
rycardo@bol.com.br

RESUMO

Construir a si mesmo é tramar pelos usos da memória uma narrativa bem articulada e justificada que também traga sua "verdade" para não ser questionada por "outros". Se o eu se propõe enquanto "centro das atenções" nessa construção, o "outro" é, um protagonista necessário, que, antes de tudo, é identificado em ação pela observação estritamente particular e construtora de sentidos. Tal observação não é ingênua, nem sobrevive em isolamento, mas existe pela inquietação para uma intervenção muito própria. Assim pensamos este trabalho, ou seja, uma vida que se "auto-escreve" para "outros". Salomão Alves de Moura Brasil "escreve sua vida", ou melhor, atua escrevendo uma nova atuação no papel, inventa a si mesmo, para isso faz "usos" da memória, pois seleciona, descarta e improvisa. Salomão Alves nasceu na cidade de Iracema (Ceará), mas constitui desde a infância sua história na cidade de Aracoiaba (Ceará) que se localiza na região conhecida como Maciço de Baturité. Durante sua vida foi político, professor e advogado, também sendo reconhecido na cidade como "Papa da educação do Maciço de Baturité" por ser um "homem inteligente e de memória fabulosa" que dedica sua vida à educação. Vem a óbito em 18 de maio de 2009. Salomão Alves narrado é o eu da história, é o ato do ato, protagoniza no espaço vida que o possibilita atuar no espaço papel. Sua obra autobiográfica "O Menino Que Disse SIM", publicada em 31 de maio de 2008, compõe uma infinidade de possibilidades de análise para a História, mas o que categoricamente aqui se objetiva, a *priori*, é compreender o olhar de Salomão sobre si mesmo. Contudo a proposta central não se limita na observação de um "eu" por um "eu mesmo", mas se estende e se estabelece em torno da análise e compreensão de como Salomão Alves utiliza e articula no presente suas memórias em função de uma "auto-representação" em seus trabalhos de escrita de si (jornais, poesias, livros, hinos), assim como a comunidade aracoiabense se apropria de seus escritos para dar nome, lembrar, explicar e legitimar Salomão Alves e seus feitos na comunidade aracoiabense.

ABSTRACT

Build yourself is by plotting memory uses a narrative well articulated and justified also bring your "truth" not to be questioned by "other". If the myself proposes as a "center of attention" in this construction, the "other" is a protagonist necessary that, first of all, is identified in action by observing strictly private and construction of meaning. This observation is not naive, nor survives in isolation, but there is an intervention by caring for its own. So we think this work, ie, a life that is "self-writing" for "others." Solomão Alves de Moura Brasil "write his life", or rather writing a new performance works on paper, invents himself, for it is "uses" memory, because it selects, discards and improvises. Solomão Alves was born in Iracema

(Ceará), but it is her story from childhood in the city of Aracoiaba (Ceará) which is located in the region known as the Maciço de Baturité. During his life he was a politician, professor and lawyer, also being recognized around town as the "Papa da Educação do Maciço de Baturité" for being a "smart man and fabulous memory" who devotes his life to education. Come died on May 18, 2009. Solomão Alves is narrated me the story, is the act of the act, the protagonist in space life that enables operating in paper space. His autobiographical work "The Boy Who Said YES", published on May 31, 2008, comprises a multitude of possibilities for the analysis of history, but what is here categorically objective, a priori, is to understand the look of Solomon about yourself. However, the central proposal is not limited observation of an "I" for a "myself", but extends and settles around the analysis and understanding of how Salomão Alves uses and articulates this in his memoirs as a function of a "self -representation" in their writing assignments you (newspapers, poems, books, songs), as well as the community aracoiabense appropriates his writings to name, remember, explain and legitimize Solomão Alves and their achievements in the community aracoiabense.

Keywords: Writing for himself, Memory, Solomão Alves de Moura Brasil.

1. Memória, indivíduo e sociedade.

O historiador não está preocupado em demonstrar verdades, mas em historiar os conceitos, as experiências, os sentidos dados à vida. Categorias abstratas – “os universais” – homogeneizadoras de diferentes experiências, próprias de um pensamento neutro, no qual o mundo é dividido em observador/observado, perdem sua validade e são retomadas como categorias históricas, isto é, noções construídas por determinados grupos, em determinados momentos, e em determinadas sociedades. (BARBOSA, 1997, p. 304).

As relações existentes entre os indivíduos são movimentações subjetivas que os permitem construir significados de um *si mesmo* em uma relação com *outros* no tempo. A troca de experiências, as negociações e conflitos fazem parte das maneiras de “viver a vida” de cada sujeito e de cada grupo. Os “sentidos dados à vida”, que, de acordo com Ivone Cordeiro Barbosa, também são historiados pelo historiador, levam em sua existência, uma troca de imagens políticas entre sujeitos que vivem em relações de negociação representativa constante, mas que têm seus aspectos diferenciados de acordo com a época da sociedade que a produz.

A partir da atuação de “uma memória individual”, que aqui é compreendida uma maneira de dar sentido à vida e ao mundo, por envolvimento individuais e coletivos, podemos entender que os aspectos interpretativos se colocam como os meios significantes para determinada sociedade. Meios estes que o sujeito necessita e se apega para apresentar o que lhes fora significativo em outros tempos e que no seu presente exerce, também, um papel

particular de poder representativo, sendo assim a função da representação acaba construindo um ordenamento narrativo que também tem seu aspecto prático na vida de uma comunidade.

Compreendemos que “os seres humanos ligam-se uns aos outros numa pluralidade, isto é, numa sociedade” (ELIAS, 1994, p. 8). No entanto, tal afirmação não se encerra de maneira simples e efetiva. A sociedade de que Norbert Elias nos fala tem sua complexidade, pois também é refere-se à uma sociedade que exerce especificidades em si, que têm em seu âmago maneiras distintas e peculiares de construir relações entre o *eu* e ou *outro* em um tempo determinado. Isso remete à construção de sentidos que os indivíduos exercem em suas vidas práticas e na elaboração das tramas nas narrativas de si.

O *eu* não está destituído do *outro*, assim como o *outro* não é o que é, se o *eu* não formular significados a seu respeito. Tais trocas de subjetividades nos conduzem a considerar, tanto a sociedade quanto o indivíduo, assim como suas relações, participantes de um jogo eterno de negociações, ou seja, “sua vida é uma totalidade, na qual entrecruzamentos diversos conformam a dinâmica do viver” e dar sentido à vida. (NEVES, 2000, p. 114).

As lembranças no ato de rememorar são “sentidos dados á vida”, deste modo a lembrança do dito pode ser volatizada, movimentada em uma espécie de “reação em cadeia da memória”. Por sua vez, essa reação propõe a reprodução de novos sentidos, sendo também pertinente levar em consideração que se tal reprodução compõe jogos narrativos em épocas e sociedades diferentes, também produz significados diferentes, que estão intrinsecamente ligados às idiossincrasias dos sujeitos quando estes falam de si e se auto-escrevem à *outros*. Isso propõe laços sociais de sentidos pela memória, e “enquadramentos” á medida que transforma as relações sociais tornando-as históricas e marcantes pelas lembranças articuladas por meio de narrativas bem articuladas.

2. Um “enquadramento” de si: o “Papa da educação do Maciço de Baturité”.

Salomão Alves de Moura Brasil nasceu na cidade de Iracema (1927), que se localiza ao norte do estado do Ceará, região Jaguaribana. Mas desde a infância é na cidade de Aracoiaba¹ que constrói sua história. Filho de João Francisco e Otília Nascimento, antiga professora da cidade de Aracoiaba, Salomão Alves viria ser, alguns anos mais tarde, educador e político de carreira conhecido na referida cidade.

¹ Aracoiaba, distante 96 km de Fortaleza, com 728 km² e uma população de 24.935 habitantes, situa-se na região do estado do Ceará conhecida como Maciço de Baturité, e está dividida em nove distritos: Aracoiaba (sede), Varzantes, Ideal, Jenipapeiro, Plácido Martins, Lagoa de São João, Pedra Branca, Milton Belo e Jaguarão.

Sendo de formação escolar jesuítica, mesmo não optando pelo celibato, mas pelo direito, pela educação² e pela política, Salomão Alves carrega em seus escritos uma linguagem de patriotismo e de fé cristã. Se pensarmos, sempre existirão várias possibilidades para pensar e descrever sujeitos, aqui podemos ousar em pensar um “Salomão Religioso” (de formação jesuítica), “Salomão Político” (o vereador da cidade), “Salomão Poeta” (que escreve sentimentos, poesias), “Salomão Professor” (atuação como educador), “Salomão Patriota” (amante de sua terra e pátria e compositor de hinos), “Salomão Músico” (o pianista)³ entre outros, entretanto, buscamos um Salomão Alves que apresenta a si mesmo, que atua ao construir sua própria imagem escrita na memória da comunidade em que atua, ou melhor, buscamos um sujeito que procura espaços disponíveis para sua empreitada auto representativa escrita, mas que antes de tudo é por ele tramada em sua própria maneira de viver. Afinal, sabemos que é preciso viver para escrever, no entanto, para alguns, só se tem a vida como realmente vivida quando se escreve em função de algo ou alguma coisa.

Como político popular na cidade de Aracoiaba, Salomão Alves fez questão de estar próximo aos cidadãos aracoiabenses durante sua vida. Não se resguardava de contar histórias e manter uma relação “calorosa” com pessoas da cidade, pois “contava piadas muito bem, história de Trancoso muito bem, ninguém tira o mérito dele [...] tinha uma cabeça fantástica para contar... inventar uma história e você jura que é verdade” (Sr. Karamazov, 2012).⁴

A comunidade aracoiabense tem suas diversas lembranças, suas diversas narrativas acerca do educador Salomão Alves. Suas maneiras de tratar, conversar, “contar histórias” e dar atenção abriram espaços para que atuasse diante das pessoas e permanecesse em suas memórias, possibilitando uma *matéria-prima* (MALUF, 1995, p. 41) para que estas gerassem e gerissem significados. Experiências anteriores, lembradas e contadas aos seus alunos na escola Ginásio e Escola Normal Virgílio Távora como exemplo de vida, de “ser alguém na vida”, também foram maneiras de estabelecer laços entre seu passado (experiências), suas memórias (interpretações) e seu espaço social (memórias coletivas), tornando este seu “palco de atuação” pelas expectativas que o conduzia.

² Em 1954 faz cursos de Didática Geral e Engenharia Escolar pela Fundação Getúlio Vargas, Nova Friburgo Rio de Janeiro e em 1964 conclui o Curso de Ciências Jurídicas na Faculdade De Direito da Universidade Estadual do Ceará. Registro OAB nº 2261/CE Cf. MATOS, Rose Mary Santana & MOURA, Eugenia Maria de Castro e Silva. *Trajetória Cultural* In: BRASIL, Salomão Alves de Moura. O Menino Que Disse SIM. Fortaleza: Premius, 2008.p. 215-216.

³ Todas as adjetivações propostas foram fundamentadas em documentos (poesias, livros, fotos e entrevistas) e conversas informais com pessoas que foram próximas a Salomão Alves.

⁴ Sr. Karamazov, nascido em 30/10/1938, ex-aluno de “Salomão”. Entrevista realizada no dia 11 de novembro de 2012. Sr. Karamazov foi aluno de Salomão Alves em de sua escola na década de 1970. Em entrevista afirma sua proximidade com o mesmo. O nome foi preservado, preferimos usar pseudônimo, pois o entrevistado expõe controvérsias acerca das posturas escritas e faladas de Salomão Alves e de outras pessoas que o referenciam.

Podemos pensar na *Comemoração do Centenário de Aracoiaba* como espaço crucial para participação de Salomão Alves. Em 16 de agosto 1990 foi publicado no *Jornal Tribuna do Ceará* um histórico da educação de Aracoiaba. Sendo Salomão Alves o principal articulador do jornal, juntamente com a edição do jornalista e editor político do *Jornal Tribuna do Ceará*, Laerte Bezerra, natural da cidade de Aracoiaba e amigo de Salomão. A história escrita acerca da trajetória da educação aracoiabense centraliza sua família, possibilitando que um espaço para que o *si mesmo* seja encontrado diante comunidade em festa.

Ao escrever na parte do jornal intitulada *Educação*, Salomão Alves maneja seu passado familiar para explicar a educação aracoiabense. Escreve a história da educação fazendo referencia a sua mãe, Otília Alves do Nascimento.

Escola, nem se falava. Apenas em 1917, uma jovem com 17 anos de idade, vendo o analfabetismo da região, começou, em sua própria residência, a ensinar os mais próximos, gratuitamente no sítio “Encosta”. Era a jovem Otília Alves do Nascimento que muitos anos depois, conseguiu ser professora do estado, (escola até a 3ª série) (Jornal Tribuna do Ceará, 1990, p. 6).

A relação construída entre família (sua mãe), Salomão Alves e a cidade, indica seu empenho em trabalhar para que uma memória da família e de si permaneça diante dos *outros* que o observam. Adjetivar sua mãe, Otília Alves, como a responsável pela alfabetização e pela educação, que segundo o mesmo “apenas em 1917” começa na cidade de Aracoiaba, nos leva a perceber que inserir sua família no passado da cidade é uma maneira de abrir espaços para que o *eu* possa entrar em cena. Sabemos que a própria oportunidade, reconhecida oficialmente pelo jornal, de escrever para uma comunidade, revela certa confiança das autoridades políticas e da população em relação à Salomão, deste modo o espaço é cedido para que este escreva e organize uma história da cidade pelo jornal. Isso nos mostra que certo espaço já foi “conquistado” para si e para sua família diante dos aracoiabenses.

Salomão Alves, ainda no mesmo texto, continua a discorrer sobre a “história da educação na cidade”, no entanto, desta vez, apresenta a si mesmo de maneira óbvia, ou seja, apresenta a si como sujeito que foi decisivo e que fez parte do marco inicial e do avanço da educação na cidade. Vejamos ainda na mesma página do jornal:

O leque da Educação só foi realmente aberto em 1958, após abertura e funcionamento do Ginásio e Escola Normal Virgílio Távora, fruto da coragem e do espírito de pioneirismo de um aracoiabense nobre que teve a virtude de instalar um estabelecimento daquele porte, quando na realidade, em nosso meio social, tudo era descrença e marasmo, mantendo-se tudo estagnado na “estaca-zero”. Este novo

“Bandeirante”, hoje, consagrado “Papa da Educação do Maciço de Baturité”, é o Dr. Salomão Alves de Moura Brasil, ex-aluno do Colégio dos Jesuítas, que abriu o caminho e a oportunidade de Educação para todos os aracoiaibenses, porque não dizer, para toda região do Maciço e suas adjacências”. (idem)

Ao utilizar-se da terceira pessoa Salomão Alves separa o *eu* situado no presente do *ele* do passado. O uso da linguagem favorece uma estratégia astuciosa do autor, no entanto sabemos que o *eu* e o *ele* estão contidos e envolvidos intrinsecamente na narrativa (como personagem), e na experiência do narrar (como autor) em um mesmo indivíduo.

Faz ainda referencia a “Este novo Bandeirante”, no entanto, além de fazer menção à imagem de um homem que trabalhou no passado em prol da educação, faz inferência a um personagem que também é narrador e autor ao de si próprio. O “Bandeirante” que em 1958, por meio “um estabelecimento daquele porte”, já desbravava possibilidades para o progresso, para uma educação na cidade, também desbrava em 1990, pela escrita sobre “o passado da cidade”, mecanismos que o ajudaram a tornar possível o gerir de suas expectativas acerca de si e de sua família.

Pensando a partir de Igor Sacramento podemos perceber que, nesse caso que a credibilidade passa a ser evidenciada quando os personagens internos e externos à escrita se confundem em uma só pessoa.

A legitimidade é conferida pelo fato de autor, narrador e personagens se sobrepuerem numa única pessoa. Assim, a sua auto localização pode ter mais força persuasiva do que qualquer outra localização. Afinal, aquele que viveu a história é quem a conta e assina a narração. Isso confere a autoridade necessária para ter o discurso sobre si como potencialmente mais válido do que de qualquer outro (SACRAMENTO, s.d, p. 2).

3. O Ginásio e Escola Normal Virgílio Távora: espaço privilegiado para a construção da memória.

No item anterior, em citação, percebemos que Salomão Alves classifica sua escola Ginásio e Escola Normal Virgílio Távora como instituição de “grande porte” e de suma importância para a “abertura do leque” da educação, no entanto, esta é também fruto da “coragem e o espírito de pioneirismo de um aracoiaibense nobre” que concebe o progresso a uma cidade que permanecia na “estaca-zero”.

Ao considerar a escola como importante, Salomão Alves não encerra sem antes fazer menção ao homem (*o si mesmo*) “que teve a virtude de instalar um estabelecimento daquele porte”. Nesse sentido podemos considerar que o mesmo apresenta à “outros” ter sido o

responsável pela criação de um instrumento que, também segundo ele mesmo, possibilitou ascensão da educação na cidade de Aracoiaba.

Ainda no referido *Jornal do Centenário*, ao fazer referência aos Jesuítas de Baturité, Salomão Alves os menciona como pioneiros: “desde o início da colonização foram os Jesuítas os pioneiros a prestarem esse valioso serviço em todos os rincões brasileiros” (p. 3). Ainda na mesma história, quando discorre a história da educação, coloca a si mesmo também como “pioneiro”, mas faz menção à expansão do ensino e da educação na região do “Maciço de Baturité e adjacências” por meio de sua escola.

Compreendemos a escola de Salomão Alves como um eficaz espaço estratégico, pois foi um dos seus principais meios de atuação na cidade de Aracoiaba, sendo assim pode ser entendida como um “espaço de memória” que possibilitou a comunidade manter uma relação direta com o mesmo, pois tal lugar foi cenário para que as experiências fossem vividas por quem a ela tinha acesso. As relações que as pessoas construíram a partir da escola no passado foram cruciais para que, no presente, pudessem, também, propor uma memória acerca de outros tempos vividos, tais memórias certamente trazem uma apropriação da imagem de Salomão Alves como *homem-memória* (NORA, 1993, p. 18).

Foi possível perceber através de conversas informais com vários populares da cidade de Aracoiaba, aqueles que lembram de sua atuação na cidade, que não há como dissociar Salomão Alves do Ginásio e Escola Normal Virgílio Távora, pois várias pessoas estudaram na escola e foram seus alunos.

Sr. Karamazov, aos 74 anos, ex-aluno, fala de como considera a importância das oportunidades que foram dadas às pessoas na escola. Ao lembrar dos professores que hoje atuam na cidade de Aracoiaba e Baturité, enfatiza que estes tem uma dívida com Salomão Alves e sua escola. “Olha, sessenta por cento, botando assim mais ou menos, de professores, agradeçam a Salomão, e rezem pelo Salomão, sessenta por cento... e não só daqui... de Baturité também!”. Ainda fala acerca da escola, dizendo que “não era destaque, era um *destacão*” na região do Maciço de Baturité.

O reconhecimento das oportunidades dadas por Salomão Alves aos futuros professores de Aracoiaba, Baturité e outros municípios do Maciço, é fruto de um trabalho articulado por Salomão Alves por intermédio da escola. Ao lembrar de seus colegas de sala da época em que estudou na escola, Sr. Karamazov enfatiza que no presente existe uma dívida entre os ex-alunos e Salomão, por isso estes devem “agradecer”, devem “rezar” por quem os deu oportunidades, ou seja, ao “Papa da educação do maciço de Baturité”.

O colégio Ginásio e Escola Normal Virgílio Távora pode ser entendido como referência, pois constituiu um espaço diverso onde várias vivências puderam ser experimentadas pelos alunos que hoje têm lembranças daqueles tempos. Desde 1958, data da fundação da escola, diversas gincanas promovidas pela escola, desfiles de 7 de setembro, bandas, encenações natalinas, entre outras atividades que movimentavam a cidade, foram realizadas e que de fato marcaram tanto uma nova presença como a trajetória da escola de Salomão Alves. Por meio de tais eventos construiu sua imagem vinculada à escola, fez da instituição sua própria “imagem e semelhança”. Para os jovens que não tinham condições de pagar mensalidade, foram cedidas bolsas⁵ de estudo e fardas escolares, isso certamente gerou uma gratidão por parte dos alunos e de suas famílias. Embora tenha sido dono e diretor da escola é importante ressaltar que não deixou de atuar no magistrado, sendo assim, em sala de aula manteve um contato direto com os alunos de sua escola.

Com o *Jornal do Centenário de Aracoiaba* Salomão Alves escreve a si nas memórias, pois passa a remanejar suas lembranças e intenções em função de uma perpetuação de um *si mesmo* no tempo. A escola, a família, as relações políticas foram meios e envolvimento úteis para que ousasse inventar uma imagem diante da comunidade.

Algumas contradições podem ser percebidas nos discursos das memórias referentes à nomeação de Salomão Alves, isso quando observamos acerca de sua “consagração” enquanto “Papa da educação do Maciço de Baturité” durante a festa. Não se sabe ao certo, quando, onde ou por quem tal termo foi cunhado, porém, há diante de nós uma possibilidade mais ou menos sólida de que uma imagem foi gerada pelas/atraves das relações construídas entre Salomão Alves e a comunidade aracoiabense.

Rose Matos, amiga e ex-secretária de Salomão, ao falar acerca da “consagração do Papa da Educação do Maciço de Baturité”, demonstra que já existia, *a priori*, um reconhecimento e uma inquietação popular em busca de um termo que o nomeasse enquanto responsável pelo “pioneirismo” na abertura do “leque da educação” na cidade. Ao fazer referência ao discurso de Dra. Marilene (vereadora na época) em 1990, Rose Matos enfatiza.

*E num certo momento a Dra. Marilene numa bela inspiração num discurso, na hora saiu, eu não me lembro o momento, que é a época do centenário também, como ela estava conosco nesse trabalho, ela estava conosco nesse trabalho, então na hora do discurso dela ela falou e disse que toda aquela beleza educacional e cultural que estava acontecendo tinha por trás o Dr. Salomão Alves de Moura Brasil o **papa da educação do maciço de Baturité**. E ficou! Pronto! Então foi assim,*

⁵ Ofício 107/60. Ministério da Educação e Cultura. Assunto: Bolsas de estudo de complementação aos alunos Carlos Blemar Silveira e Maria Delam Silveira. Ass: Lauro de Oliveira Lima. Inspetor Seccional de Fortaleza. 06/05/1960.

*como um termo que todo mundo estava buscando e não tinha encontrado, então quando ela disse isso todas as pessoas aplaudiram e ficou até hoje.*⁶ [grifo meu]

Segundo Rose Matos, a bela inspiração de Dra. Marilene Campêlo, naquele momento “que é a época do centenário também” propõe um significado que a comunidade “estava buscando”. Nesse sentido, entendemos que a fala de Rose Matos acerca da colocação de Dra. Marilene, a enfatiza como a voz da *verdade* (BOAS, 2008, p. 153), a voz daquela que reconhece e aceita por que também vivenciou uma relação próxima ao mesmo quando este atuou em prol da educação da cidade.

Podemos estimar que Rose Matos constrói sentidos, aclama as glórias em torno de uma imagem, pois ao fazer inferência ao discurso de Dra. Marilene passa também a atuar retoricamente em sua narrativa na busca de consolidar o poder de permanência no tempo de um sujeito ao qual teve grande apreço. Sua afirmação quando diz: “E ficou! Pronto!”, pode ser entendida como uma imagem de permanência que ficou para si mesma. O discurso de Dra. Marilene, representado por intermédio da narrativa de Rose Matos resguarda desde significados que ela mesma (Dra. Marilene) escolhera para aclamá-lo diante da comunidade em festa, perpassando até nós pelo significado construído por Rose, acerca de Salomão Alves, como escolha feita para que o sentido criado permaneça tempos adiante.

Acerca da nomeação “Papa da Educação do Maciço de Baturité” algumas versões nos são dadas pelas memórias. Além da “bela inspiração de Dra. Marilene” em 1990, Rose Matos nos diz ainda que o Jornal Tribuna do Ceará foi preparado um ano antes da festa pelo próprio Salomão Alves.

Um ano antes do centenário de Aracoiaba, que o centenário foi em mil novecentos e noventa, mas mil novecentos e oitenta e nove, já foi feita a gincana contando a história de Aracoiaba, aquela história que ele preparou e colocou, é... materializou no que a gente chama Jornal do Centenário de Aracoiaba, que foi publicada no encarte da... Tribuna do Ceará em mil novecentos e noventa (idem).

Se a “história” publicada no jornal foi preparada um ano antes (1889), como nos afirma Rose Matos, e distribuído em 16 de agosto de 1990, apresentando a consagração “Papa da Educação do Maciço de Baturité”, porque Dra. Marilene é responsabilizada de tal aclamação em 1990? A dúvida se estende não a uma busca por um encaixe na temporalidade, mas por quem tal nomeação foi cunhada, ou seja, quem formulou tal ideia que desembocou no histórico da educação de Aracoiaba no referido jornal?

⁶ Entrevista com Rose Mary Santana Matos realizada em 23 de outubro de 2011.

Rose Matos nos propôs duas versões. Inicialmente fala da “bela inspiração” que Dra. Marilene teve ao propor tal nomeação, ainda na mesma conversa enfatiza que Salomão Alves preparou tal história um ano antes da festa. Afinal, quem o consagrou como “Papa da educação do Maciço de Baturité”? O próprio “Salomão” em 1989? ou Dra. Marilene Campêlo em 1990? Tais questões nos levam à algum lugar?

Salomão Alves, sendo o responsável pela escrita do jornal, tendo seu nome apresentado como autor do “opúsculo” acerca de uma história da cidade, conseguira apresentar a si diante de uma comunidade. Sua busca por um reconhecimento social na cidade nos leva a entender que as contradições existentes acerca de sua imagem, são, nada mais nada menos, que uma evidência de que sua imagem conquistou uma repercussão social representada por *outros*.

Pensando em tais relações podemos refletir, não de maneira determinante, mas como expectativas, o que nos falou Marina Maluf quando referenciou Michel de Certeau acerca do *lugar* onde é produzido o que se escreve.

O “lugar” onde o relato é produzido é de evidente relevância, e como não há lugar no mundo que não esteja mergulhado na linguagem e na cultura de qualquer lugar que se fale – e qualquer que seja a intenção do escrevente -, não há como erradicar o ponto de vista, a incerteza, a contradição e a parcialidade da narrativa. Toda palavra reflete uma perspectiva particular esculpida por fatores sócio-culturais, políticos e pessoais (MALUF, 1995, p. 34).

Os espaços em que Salomão Alves se debruçou para apresentar a si permeiam desde as páginas do jornal, nos hinos, nos eventos, perpassado pela Câmara Legislativa, em suas conversas com populares, discursos político, em sua escola. Tais lugares foram necessários para que construísse relações, vivesse experiências que o levasse a contar sua história. A atuação pública e a escrita existem, em parte, em função de um *eu*, pois “uma perspectiva particular” está intrinsecamente ligada à comunidade, á política local e a construção de si diante de *outros*.

4. O “Menino” que se tornou homem ou o homem que se tornou “Menino”?

Hablando de autobiografía, tomo en cuenta las trampas y defectos inherentes al género. Una autobiografía es ante todo el relato de una vida; como toda obra narrativa es selectiva y, em tanto tal, inevitavelmente sesgada. Una autobiografía es, además, en sentido preciso una obra literaria ; em tanto tal, se basa en la distancia a veces benéfica, otras perjudicial, entre el punto de vista retrospectivo del acto de escribir lo vivido, y el desarrollo cotidiano de la vida; esta distancia distingue la autobiografía del diario. Una autobiografía, finalmente, se basa en la identidad, y por ende en la ausencia de distancia entre el personaje principal del

relato, que es uno mismo, y el narrador que dice yo y escribe en primera persona del singular. (RICOEUR, 1997, p. 16).⁷

A experiência humana, em parte, só ganha um sentido estruturado para si e “outros” no plano narrativo. A autobiografia é uma narrativa “estruturada” fundamentada no “eu” passado em busca de uma história de si no presente. Não é como o diário íntimo, que descreve um cotidiano constante, mas uma escrita que trata “de escribir lo vivido”. Durante ou após seu desenrolar, com a tomada de consciência do indivíduo acerca do que viu, ouviu e viveu, os significados são construídos pelas seleções e esquecimentos que pertencem a memória do sujeito a propõe tal escrito.

A relação entre experiência, interpretação e narrativa constitui, para o sujeito que tende a escrever a si mesmo, uma maneira de dar sentido. Já a memória, esta é matéria-prima que permite a consciência da experiência entrar em cena, para que assim autor possa fazer os usos adequados, que também estão empenhados em contemplar um devir, e para que o sentido proposto tenha sua credibilidade.

Acerca da astúcia de uma narrativa de si escrita, ao recorrer-se sempre ao gênero ao qual chamamos usualmente de autobiográfico, esta tem seus aspectos situados mais em uma intenção do autor em busca de si no tempo, para si, para outros, do que a própria responsabilidade de uma esteticização da linguagem, que traça objetivos para uma contemplação do “belo” proposto por uma literatura romântica e poética. Porém, o uso do embelezamento poético em uma escrita “retórica”, também pode ser entendido como maneira plausível do autor articular suas intenções políticas e pessoais em uma narrativa envolvente para o leitor.

Segundo Philippe Lejeune, especialista em autobiografias, ao fazer referência ao “pacto autobiográfico”, afirma que uma autobiografia pode ser definida como uma “narrativa retrospectiva em prosa, que uma pessoa real faz de sua própria existência, pondo em relevo sua vida individual e em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE *apud* GARCIA, 2003, p. 16). Mesmo com tais ênfases, Lejeune ainda considera as peculiaridades que um tempo permite à escrita quando diz que “a autobiografia se define a esse nível global:

⁷ [Tradução livre: Falando de autobiografia, tendo em conta as armadilhas e as deficiências inerentes ao gênero. A autobiografia é principalmente um relato de uma vida; como qualquer obra narrativa é seletiva e, como tal, inevitavelmente tendenciosa. Uma autobiografia é também um trabalho em sentido literário preciso; como tal, é baseado na distância, por vezes benéfico, e prejudicial por outro, entre o ponto de vista retrospectivo, o ato de escrever o que viveu, e do desenvolvimento da vida cotidiana, esta é a distância entre autobiografia e o diário. A autobiografia depende, em última análise da identidade e, portanto, na ausência de distância entre o personagem principal da história, que é o si mesmo, e o narrador que escreve na primeira pessoa do singular.]

é um modo de leitura tanto como um tipo de escritura, é um efeito contratual que varia historicamente” (LEJEUNE *apud* MARTINS, 2008, p. 102).

Ao observar o texto autobiográfico de Salomão Alves de Moura Brasil, quando este busca tornar-se “um outro” pelo título e pessoa empregados em sua autobiografia “O Menino que disse SIM”, podemos compreender um novo “vir a ser”, o tornar-se do autor pela escrita autobiográfica, por uma construção de si em um determinado tempo, que compreendemos aqui em uma relação com a “noção antropológica” de temporalidade que nos ensinou Reinhart Koselleck.

Observando a noção de “passado” e “futuro”, que estão em atividade no presente, como “experiências” e “expectativas”, nos é possível entender que as tramas do autobiógrafo também são montadas pela sua consciência de tempo em função da construção de uma imagem. Quando este faz referência ao seu passado (“experiência”), ao fazê-lo dispõe de testemunhas, para que no devir (“expectativas”) tenha seus legitimadores (KOSELLECK, 2006, p. 16).

As noções centrais percebidas na construção de sua autobiografia “O Menino que disse SIM” se desenrolam, observando aqui de maneira simples, das seguintes relações: A consciência de uma experiência vivida (um passado), a observação pela memória do sujeito acerca de seu próprio passado (interpretação), a construção do texto autobiográfico (narrativa) e a busca de um reconhecimento da comunidade em que atuou (publicação do livro).

Propôs ainda em sua autobiografia um jogo narrativo que considerou “vernacular”, puro e inédito em sua experiência de se auto-escrever. Ao empregar em escrever a si mesmo entre primeira (Salomão Autor) e terceira pessoa, (“O Menino Que Disse SIM” do passado) articula, ao mesmo tempo, “Autor” e personagem em seu trabalho autobiográfico.

Excedendo a afirmação que Ricoeur nos propôs quando enfatizou que “a autobiografia depende, em última análise da identidade e, portanto, na ausência de distância entre o personagem principal da história, que é o si mesmo, e o narrador que escreve na primeira pessoa do singular” (RICOEUR, 1997, p. 13), perceberemos que as maneiras de escrever a si “variam historicamente” (MARTINS, 2009, p. 102). Portanto, o uso da terceira pessoa para situar a si mesmo, enquanto estratégia de “Salomão”, não retira o caráter autobiográfico de sua escrita, mas explica uma maneira própria de um sujeito apresentar a própria vida. Vejamos como Salomão Alves apresenta a maneira que será conduzida sua obra.

Quero fazer-lhes uma oportuna observação. O tratamento vernacular aqui empregado foge muito propositalmente ao estrito modelo gramatical, uma vez que, “O Menino que disse SIM”, apesar de ter conduzido o Autor ao solar dos Jesuítas

e ali haver-lhe dito que já poderia ensaiar seus primeiros passos, sozinho, prometeu-lhe, todavia, segui-lo sempre, mesmo à distancia, o que tem cumprido rigorosamente. Se há constantes momentos em que se observam tratamentos gramaticais referentes ao “Menino que disse SIM” e o Autor, tal fato ocorre, em virtude da simbiose de ambos, por assim dizer, pois representam a mesma pessoa, ou seja, o Autor. [grifos meus].

Se sua vida esteve estritamente ligada ao Colégio Jesuíta, este é apresentado como o ápice que o “Menino” o conduziu. Salomão enquanto “Autor” não rememora sua vida enfatizando seu próprio “eu” como responsável pelos “primeiros passos”, para tal astúcia, acerca do início da conquista, dos “primeiros passos”, da bela carreira, cria um personagem (“O Menino”), ao qual atribui suas qualidades do passado, no entanto, sabe e afirma, ainda no mesmo texto, que o “Menino” e o “Autor” são a mesma pessoa em “Salomão”.

O “Menino” e “Autor” estão em constante diálogo a partir do “Narrador”, este é o estrategista, “dono da verdade”, o que conta a história. O “Autor” é aquele que em sua comunidade busca legitimidade pela obra, que está fora do texto, é também aquele que existe pela construção do trabalho, que por ele se apresenta e que através dele existe como verdadeiro “Autor” do livro diante do leitor. O “Autor” faz uso do que o “Narrador” fala e propõe acerca do “Menino”, e sendo o “Autor” o próprio “Menino”, e o “Narrador”, a voz do “Menino”, a narrativa enaltece o “Autor” à medida que responsabiliza o “Menino” por “haver-lhe dito que já poderia ensaiar seus primeiros passos”.

O esforço “retrospectivo” de Salomão Alves em situar memórias acerca de suas “experiências” vividas anteriormente, remonta a existência do “Menino”. O “Menino” é a própria noção do passado pela “experiência” de Salomão. O constante jogo entre “Menino”, “Narrador” e “Autor”, estabelece uma divisão e organização do tempo pelo sujeito e do sujeito pelo tempo, tais astúcias são responsáveis para que as engrenagens narrativas entrem em operação.

A existência da “experiência” de Salomão está reservada ao “Menino”, pois foi este que no passado experimentou as labutas da vida, os entraves da pobreza. Ao dizer que o “Menino” “prometeu-lhe, todavia, segui-lo sempre, mesmo à distancia, o que tem cumprido rigorosamente”, enfatiza que é o “Menino” que não o deixa cair no esquecimento acerca de suas raízes, de seus sofrimentos, de sua dura infância com a perda do pai, e quando logo após “saí à luta e só ao me verem de preto e sabendo de quem eu era filho, muitos compravam os tijolinhos, por compaixão e caridade”(BRASIL, 2008, p. 33).

Órfão de pai e pobre, o “Menino” é lembrado por “Salomão” como aquele que sofreu com ele no passado antes de entrar no “Ninho das Águias” (Mosteiro dos Jesuítas), aquele mesmo “Menino” que disse um dia:

- Salomão, entre comigo neste mosteiro. Até aqui você comentou toda minha vida, desde a mais tenra infância, agora sou eu que o entrega ao “Ninho das Águias”. Entre, lembre-se de que, doravante você mesmo ocupará o meu lugar. Não o abandonarei. Serei sua segunda espiritualidade. Diga sempre SIM, como me ensinou. – Obrigado, meu “Menino que disse SIM”. E um novo mundo, abre-se para mim, lá nas alturas do “Ninho das Águias” (Idem, p. 156).

O “Menino” é quem conduz Salomão Alves ao “Ninho das Águias” pelo seu esforço e coragem. Ao lembrar o “Menino” lembra a si próprio antes de entrar na escola, antes de começar sua carreira, rememora a pobreza do “Menino” quando ele e sua irmã ao ir em busca de doações para sua matrícula na Colégio Jesuítas são alertados por Dr. Manoel do Nascimento Fernandes Távora que diz: “- Digam sua mãezinha , que aquele, é realmente o melhor colégio de internato do estado, mas não é muito barata a mensalidade. Contudo, vão em frente.” (Idem, p. 150).

O “Menino” é a criação acerca de suas “experiências”, melhor, é a própria “experiência” narrada. Suas dificuldades quando criança, o levaram construir um personagem que sofreu para se tornar Salomão Alves. As lembranças dos tempos difíceis antes de entrar no Colégio Jesuíta, o levaram a dividir a si mesmo no tempo. O “Menino” entrega a si mesmo enquanto Salomão Alves e enfatiza que este deve dizer sempre SIM com lhe havia ensinado.

Em sua autobiografia “Salomão” busca abarcar toda sua vida passada pela rememoração. Para tal astúcia faz uso de estratégias, que ao estarem diretamente pensadas em uma relação com suas experiências, ganham um sentido muito particular. Marina Maluf nos possibilita refletir nesse sentido quando lembra que,

O fato de o enunciador conhecer e descrever experiências particulares de tempos pretéritos a partir de uma perspectiva presente, que necessariamente diz respeito à sua própria imagem, leva ao autor elaborar estratégias verbais específicas – um estilo – para expressar a “verdade” sobre os fatos e acontecimentos passados. Ele se apoia sobre essas formulas verbais para acomodar o passado, tanto para si quanto para o leitor, contendo, assim, a erupção desordenada do tempo privado. (MALUF, 1995, p. 29).

A “perspectiva presente” do “Autor” está em deixar uma imagem de si como exemplo, como aquele que soube enfrentar as dificuldades que a vida lhe lançou enquanto “Menino”. Contar a própria história de vida é, ao mesmo tempo, fazer usos da memória e

construir uma nova experiência narrativa para que seja compreendida por outros. Nomeia a si no passado de “Menino que disse SIM”, no entanto, sabemos que tal nomeação construída por uma adjetivação da “experiência”, faz inferência à sua vida, seus enfrentamentos diante da pobreza.

Ao chegar ao “Ninho das Águias”, uma nova etapa narrativa começa na vida escrita pelo “Autor”. Não haverá mais o tratamento “vernacular” fazendo referência direta ao “Menino que disse SIM”, mas o “eu”, o “Autor”, Salomão Alves.

Em sua narrativa, discorre sua formação no Colégio Jesuíta, o fim da jornada no “Ninho das Águias” (1948), sua formação acadêmica, seu Bacharelado na Faculdade Católica de Filosofia, Ciências e Letras – Curso de Letras Clássicas (1951). É nesse momento que enfatiza que recebe convites para trabalhar em alguns colégios. Não fazendo referência a si como “Menino”, mas como Salomão Alves, seus apontamentos se empenham em mostrar as relações políticas do “eu”, a isso cabe sua experiência narrativa.

*Entrementes, **surgem-me** vários e oportunos convites para assumir diretorias de colégios, uma em Pernambuco, outra em Granja - CE e uma terceira em Jaguaribe. Pernambuco, por razões de distância de minha terra natal; Granja, também foi descartada, **pois era eu noivo da filha do Prefeito**, o Cel. Antonio Monteiro Carneiro da Cunha, que me formulara o convite. A razão da escusa, é que **não me parecia** razoável aceitar o convite, pois poderiam interpretar como o —golpe do baú— e mesmo, não **tinha eu a certeza** se o enlace daria certo ou não. Restava Jaguaribe. Tudo indicava que daria certo. O Ginásio era o tão famoso “Carmela Dutra” que depois se transformaria, em Ginásio e Escola Normal, **uma vez que eu conseguiria o registro e o reconhecimento estadual daquela unidade escolar, como de 1º e 2º graus. Ademais, o colégio pertencia às famílias Távora e Barreira e quem me formulara o convite, fora nada menos que o Deputado Estadual Ademar Távora, em um jantar no solar da família, com as presenças do Cel. Virgílio Távora, do Dr. Carlotto Fernandes Távora, irmão do grande Cabo de Guerra, Marechal Juarez do Nascimento Fernandes Távora, contando ainda com a presença, da grande e veneranda Dona Francinete Távora.** (BRASIL, 2008, p. 173). [grifos meus].*

“O Menino que disse SIM” perde o espaço na narrativa no momento em que o “eu” político de Salomão entra em cena. Ao “Menino” não interessa uma relação política, pois a ele foi destinado os “primeiros passos”, o sofrimento, a pobreza e a um esforço em leva-lo primeiramente ao “Ninho das Águias” e consecutivamente á uma ascensão em suas relações pessoais, profissionais e políticas, que o possibilitasse a construção de uma imagem privilegiada diante da cidade de Aracoiaba.

A construção de sua vida é uma construção narrada. O esforço de produzir uma linearidade, de escolher ajustar personagens, de privilegiar determinados fatos, até o lançamento do livro diante da comunidade aracoiabense, nos mostra seu empenho de em

cultivar, a partir de sua memória e posição política, uma lembrança na comunidade aracoiaibense.

A escrita é o espaço construído para ele mesmo. Sua vida é articulada no papel, suas “experiências” no tempo se tornam palavras que exercem uma auto-representação do autor pela narrativa,

mas a vida narrada não é a vida vivida. A experiência da narração é aquela que transforma o vivido no contado ou, melhor dizendo, consiste na configuração dos acontecimentos da vida em um enredo, que por seu lado, permite uma refiguração dessa mesma vida, dotando a de uma identidade narrativa que pode ser interpretada e compreendida. (SANTOS, 2006, sp.)

Buscou construir a si pela conhecida “identidade narrativa” que Ricoeur nos propôs. Sua autobiografia “O Menino que disse SIM” é uma leitura que o “Autor” faz de si no tempo, é também a consciência de que ao fazer uso, e ter domínio desse tempo por intermédio de uma figura narrativa o faria permanecer diante do público ao qual travou relações durante sua vida.

Escrever sobre si não é somente apresentar si próprio, é também tramar pela memória uma narrativa justificável que traga sua verdade para não ser questionada por terceiros, ou melhor, por “outros”. Se o “eu” é o centro das atenções, o “outro” é o protagonista da observação, mas não observação ingênua e sem ação, mas contemplação inquieta, criativa, interventiva. É nesse sentido que pensamos o uso do tempo por Salomão Alves de Moura Brasil em sua “identidade narrativa”, pois é esta que age, em grande parte, numa constante relação com a sociedade aracoiaibense.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ivone Cordeiro. *A Experiência Humana e o Ato de Narrar*. Ricoeur e o Lugar da Interpretação. Revista Brasileira de História. São Paulo. Vol. 17º, nº 33, 1997.

BOAS, Sérgio Vilas. *Biografismo: reflexões sobre a escrita da vida*. São Paulo: Unesp, 2008.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

GARCIA, Celina Fontenele. *O papel da memória na narrativa autobiográfica*. Rev. de Letras - n. 25 - Vol. 1/2. 2003.

Jornal Tribuna do Ceará. *100 Anos Aracoiaiba*. 16 de Agosto de 1990.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição á semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

MARTINS, Anna Faedrich. Resenha de: LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiográfico. In: LOUREIRO, Ángel G. (Org.). *La autobiografía y sus problemas teóricos*. Barcelona: Antropos, 1991. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 99-112, out./dez. 2008. p. 102.

NEVES, Lucília de Almeida. *Memória, História e Sujeito: substratos da identidade*. História Oral, 3º, 2000.

NORA, Pierre. *Entre memória e história. A problemática dos lugares*. Tradução Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

RICOEUR, Paul. *Autobiografía intelectual*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1997.

SACRAMENTO, Igor. *A retórica autobiográfica em Dias Gomes: apenas um subversivo?* Revista Mosaico. Rio de Janeiro. Edição nº 4, ano II, p. 2.S.d.

SANTOS, Márcia Pereira. *A compreensão do si mesmo e do outro em autobiografias: contribuições Ricouerianas na escrita da história*. Emblemas: Boletim da Linha de Pesquisa: Campos de Experiências e Relações de Força, v. 1, p. 1-80, 2006.